

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MARIANA SANTOS GONÇALVES PINTO

VILA MIMOSA:
O lugar que não estava lá

NITERÓI
2014

MARIANA SANTOS GONÇALVES PINTO

VILA MIMOSA:
O lugar que não estava lá.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

NITERÓI
2014

MARIANA SANTOS GONÇALVES PINTO

VILA MIMOSA:
O lugar que não estava lá.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel de Produção Cultural.

Aprovada em Janeiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. João Domingues
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Maurício Barros de Castro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Niterói

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Julio e Maria Helena, meus grandes incentivadores, pela coragem e pela palavra.

À tia Nelly, pela força, Cristóvão e Cláudia pelas incontáveis leituras. Gabriela Miranda pelo cuidado e a Patrícia Puppim por me fazer continuar.

Aos professores da banca, pelo interesse e disponibilidade, em especial, ao meu orientador, Professor Wallace de Deus, por acreditar no meu olhar.

Agradecimentos especiais a todos os moradores da Rua Ceará, às “meninas” da Vila, que me abriram as portas, os braços e, muitas vezes, o coração.

Agradecimento especial ao amigo Grão, por me ensinar a caminhar por todos os lugares.

RESUMO

O presente estudo vem expor um recorte da remoção da Vila Mimosa, zona de prostituição do Rio de Janeiro, da Cidade Nova e sua posterior instalação, na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira e de que modo o estabelecimento de uma área de prostituição impacta a comunidade que a recebe. Para realização da pesquisa foram utilizados como referenciais teóricos autores que desenvolveram conceitos e métodos de estudos culturais e antropologia urbana. A pesquisa de campo e vivência do pesquisador na cartografia do encontro entre quem já estava lá e quem chegou possibilitou a captura de depoimentos que apontam para um retrato do comportamento desta comunidade e de como se conjugam as identidades antes e depois da instalação da zona de prostituição na localidade em questão.

Palavras-chave: invisibilidade, fronteira, território, comunidade, cartografia urbana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	11
1. Prostituição, Itinerância e Invisibilização	13
1.1 A Rua Ceará.....	18
2. Estudo de caso: A Rua Ceará recebe a Vila.....	24
2.1. Grão.....	30
3. Cartografia do Encontro.....	33
3.1 A abertura do muro da linha férrea.....	39
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

No ano de 2003, fiz com minha banda à época uma série de aproximadamente 30 shows, todas as quintas-feiras, na Rua Ceará, localizada no bairro da Praça da Bandeira – Zona Central do Rio de Janeiro. Os shows eram montados, com recursos e equipamentos próprios, na calçada, em frente ao antigo Heavy Duty, casa de shows, lanchonete e cervejaria, localizada à Rua Ceará, cujo proprietário é um motociclista apelidado de Zeca Urubu, pertencente a um clube de motos conhecido como “Balaios”.

Do estabelecimento, tirávamos apenas um ponto de eletricidade para ligar a parafernália e R\$15 por músico e tínhamos direito a uma bebida alcoólica e uma água para cada integrante da banda. Cheguei ao Heavy Duty para assistir um show de uma banda cover de Janis Joplin e comentei com o dono sobre a minha banda. Fiz um “teste” numa quinta-feira de março de 2003 e fiquei fixa pelas quintas-feiras subsequentes, até novembro de 2003.

Durante esses meses de convivência, conheci pessoas, fiz amigos e alimentei uma imensa curiosidade sobre aquele lugar que parecia tão escondido, tão único e que abrigava tipos tão distintos.

Reduto do Rock, endereço de casas que tiveram relativo sucesso nas décadas de 80 e 90 como o Heavy Duty e o Garage e, hoje, subproduto de uma cena “alternativa”, “underground”, ora bastante decadente, a Rua Ceará tinha como frequentadores todas as gamas de aficionados por rock e suas vertentes. Excluídos e estranhos, os frequentadores eram tipos sem lugar nas festas cosméticas de rock que aconteciam na Lapa ou em Botafogo, “outro tipo de gente” – expressão que se ouve constantemente nas descrições dos locais -, pessoas que se reconhecem na possibilidade única de invisibilidade que o local oferece.

Antes de receber a Vila Mimosa, a região era majoritariamente composta por alguns poucos traficantes, nordestinos pobres, *punguistas*, clubes secretos e marginalizados de motociclistas, drogados, punks, roqueiros que vinham sobretudo do subúrbio e da zona norte, donos de pequenos comércios – em grande parte, moradores dos arredores –, oficinas e bares de rock, dentre eles o próprio Heavy Duty e o falecido Garage, que traziam um público itinerante e mais variado dos fins-de-semana.

Do ponto de vista da delimitação cronológica para a constituição deste trabalho, instituímos como marco inicial a remoção relativamente recente da Vila Mimosa, aliada à forte carga simbólica do estabelecimento de uma zona de prostituição numa área que já era habitada por outros grupos sociais, que justificam estudar e buscar uma compreensão de como se deu este processo. Vem desta problematização a questão fundamental deste trabalho: de que forma chegou e foi recebida a Vila Mimosa na nova área em que se estabeleceu? Que tipo de questões essa migração suscitou? Para quem já estava lá, o que mudou? Quais os possíveis desdobramentos, caso a Vila Mimosa seja removida daquela área?

Após o estabelecimento da Vila Mimosa na Rua Sotero dos Reis – tendo sido removida das imediações do prédio da Prefeitura, na Cidade Nova – um intenso e complexo jogo de identidades se configura entre os grupos que já ocupavam e transitavam pela área. O processo evidenciou uma malha social composta de atores distintos e um território que se subdivide com a chegada da Vila Mimosa à Rua Sotero dos Reis. Entende-se aqui território como o resultado das relações intersociais - simbólicas e /ou políticas - sobre determinado espaço. Digo aqui que ele se subdivide, a princípio, e não que ele se divide com a chegada da Vila Mimosa porque, embora haja uma área fronteira intrínseca à Vila Mimosa, – como veremos adiante, no decorrer dos capítulos I e III, sobretudo – ela é parcialmente permeável às identidades preexistentes, sujeita a um número de regras sociais e hábitos que já ordenavam a área em questão antes da chegada da “zona” e códigos pertencentes aos grupos ali presentes, que se reconhecem e se distanciam através de suas projeções de alteridade e também de resistência à alteridade e afirmação dos valores de quem já estava lá, reunidos num jogo muito complexo.

Este projeto de monografia tem como objetivo trazer à tona, à superfície, os elementos de identidade que se beneficiam da área de sombra e das fronteiras –

físicas e simbólicas – perceptíveis antes e depois da chegada da Vila Mimosa, apresentando-as antes e depois da abertura da Rua Ceará. Para tanto, trabalhei com os seguintes conceitos: território, fronteira, espaço, identidade. A linha transcrita entre a Vila Mimosa e os demais territórios físicos e simbólicos presentes naquela região da cidade, os códigos implicados nestas relações e a condição dos “andarilhos”¹, que atravessam fronteiras, “estranhando e estranhando-se”², dando visibilidade ao que, de forma generalizada, é considerado invisível.

Para dar conta da complexidade relativa ao tema, este trabalho divide-se em três capítulos. No Capítulo I serão apresentados os aspectos históricos da Vila Mimosa e da Rua Ceará, ambas protagonistas desta monografia.

No Capítulo II apresentaremos o campo: através das entrevistas e da observação participante buscaremos trazer à tona os aspectos que demonstram as tensões e o impacto que a chegada de uma zona de prostituição trazem para a área onde se estabelecem. Frequentadores mais assíduos da área, e não exclusivamente da VM³, e moradores, unidos pela invisibilidade social e movidos pelos efeitos da negligência do Estado e da sociedade em relação àquele local, acabaram por estabelecer novos códigos, circunscrevendo fronteiras dentro de fronteiras que serão mais claramente percebidas na sua fala sobre o local.

Com a sensação de insatisfação por parte dos moradores da Rua Ceará a partir do assentamento, surge uma rica percepção de que não só as relações sociais seriam afetadas por esse encontro, mas o espaço físico era também propenso tanto ao estabelecimento da Vila Mimosa, quanto, se analisarmos mais profundamente o aspecto social, ao estabelecimento de uma área de sombra, que muda abruptamente com uma reviravolta no desenho das ruas, no ano de 2011: a derrubada do muro da linha férrea, que abre a Rua Ceará para sentido único e desobriga os moradores a compartilharem da mesma entrada e saída que as *meninas*⁴ e seus clientes.

¹ Referência ao texto “Andando na Cidade”, de Michel de Certeau

² Referência ao livro “O Local da Cultura” de Homi K. Bhabha. Logo na introdução, Bhabha convida o leitor a refletir sobre a “vida nas fronteiras”, redefinindo-as como “entrelugares”, a partir dos quais “algo começa a se fazer presente”.

³ VM, Mimovile, Mimosa são alguns dos nomes pelos quais a Vila Mimosa é conhecida.

⁴ A terminologia correta é “Profissional do Sexo”, segundo a Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, órgão que organiza politicamente toda a atuação das Associações de prostituição no Brasil, localizado com sede no Rio de Janeiro. Os componentes da AMOCAVIM (Associação de Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa), representação política da Vila, chamam-nas, correntemente de *meninas*, *garotas* ou *mulheres*. Fonte: tese de Doutorado da UNICAMP “Os homens da Vila: um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina”, de Eliane Pasini, São Paulo. 2005

É assim, portanto, que vamos tratar no Capítulo III de uma reflexão sobre a cartografia desse encontro: como foram mudando os estabelecimentos comerciais, como foram se redesenhando as relações sociais e como a retirada desse muro muda os rumos daquela área, reformulando o espírito comunitário. E, no entanto, resta a pergunta: a Rua Ceará sobrevive se a Vila Mimosa sair dali? Nos resta problematizar e refletir sobre a retirada do muro e os possíveis resultados dessa intervenção do poder público ali. A primeira em muitos anos.

Não obstante, a leitura dessa cartografia não se dá somente no mapa relacional. É imperioso demonstrar que a fronteira simbólica suscitada pela chegada da Vila Mimosa acompanhou rigorosamente uma fronteira física de separação preexistente da área em relação ao resto da cidade, tornando-a um lugar ideal para a polivalência de identidades de exclusão e para o compartilhamento de invisibilidades. E que tanto a fronteira física, quanto a simbólica serão alteradas quando a Rua Ceará abre em sentido único, em direção a São Cristóvão, no ano de 2011.

Percebeu-se, durante a pesquisa para a execução desta monografia, que há uma clara dificuldade em encontrar material bibliográfico que dê conta da complexidade das questões aqui colocadas, significando mais uma vez a barreira de invisibilidade transposta relativa ao tema que justifica apresentação e aprofundamento do mesmo na pesquisa acadêmica, para a Produção Cultural, sobretudo, quando tratamos de uma área pericentral da cidade, cujos esforços institucionais parecem não enxergar.

Trata-se aqui da importância do produtor cultural no entendimento das áreas de enclave urbano, sobretudo na área central de uma cidade com a agenda lotada de eventos de toda ordem, e na proposição de políticas culturais inclusivas para áreas tão subjugadas pelo poder público, que não ignorem quem já estava lá, que *não tratem como se não estivesse lá*, como suscita o título desse trabalho.

METODOLOGIA

Para a execução deste trabalho, a metodologia utilizada foi a etnografia, a

observação participante, através da investigação *in loco*, bem como a comunicação direta com agentes sociais locais, moradores, frequentadores, procurando ouvir e compreender suas impressões , a partir da leitura e do apoio teórico de “Obras e vidas: O antropólogo enquanto autor”, de Clifford Geertz e de “ O local da Cultura” de Homi K. Bhabha.

Da primeira obra, extraiu-se o cenário da escrita desta monografia, o, de quem, de fato, “estava lá”, como bem descreve o que vem a seguir:

“A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado lá”. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita”.

GEERTZ, 2002, pág 15

Da segunda, a idéia de atravessar as fronteiras enquanto “estar estranho ao lar”⁵, nas palavras de H. Bhabha, sendo a fronteira não apenas um marco de diferença, mas um marco de permeabilidade entre os distintos universos ali presentes, que expõe com muita força a estranheza das diferenças. E das eventuais semelhanças.

“(…) o “fazer-se presente” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-locação do lar e do mundo – o estranhamento (unhomeliness) – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.”

BHABHA, 1998, pág 29

Esta estranheza coloca-se no texto de Bhabha como o que ele chama de “terceiro espaço”, o espaço de deslocamento onde casa e mundo se confundem, o espaço do intermédio que pode ser descrito tanto como a soma das diferenças que o encontro na fronteira propõe, quanto como o deslocamento do domínio das

⁵ BHABHA, Homi K. 1998, pág 29

diferenças, criando, na fronteira, conflitos e consensos que não podem ser normatizados pelo pesquisador.

Sendo assim, minha primeira investida no sentido de fazer uma leitura de fronteiras, foi o mapeamento das principais identidades locais, tomando-as como visíveis enquanto associadas à regiões urbanisticamente visíveis, através de análises associativas de duas ruas principais: a Rua Ceará e Rua Sotero dos Reis. Utilizei estratégias metodológicas, tais como: mapeamento geográfico e arquitetônico – com a utilização de ferramentas tais como: plantas, *google maps* e *google street view*⁶ e visitas à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, que fez rica pesquisa sobre a área de São Cristóvão no ano de 2012⁷. A idéia era situar o leitor e delimitar os territórios físicos tratados, relacionando-os com os territórios simbólicos implicados na pesquisa; fotografias e vídeos para suporte imagético e melhor compreensão do que, ora, define-se como cenário de uma cartografia social e urbana.

Ao longo do trabalho de campo, com a realização das entrevistas e observação participante, muitos questionamentos surgiram, sobretudo aqueles tangentes ao tema da imparcialidade do pesquisador, compreendendo que pesquisar uma questão implica *uma* (e não *a*) tradução de determinado “espaço antropológico”. Nesse sentido, encontrei no artigo de Anamaria Marcon Venson e Joana Maria Pedro, “Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia”⁸ uma interessante ferramenta para a observação do objeto. No artigo as autoras identificam o discurso enquanto prática que, entre outras coisas, determina o objeto. Nesse sentido, pesquisar seria reunir como a pessoa-personagem se vê, como constrói subjetividade, e como o pesquisador ouve, entende e transcreve aquela subjetividade, relacionando-a com a sua própria, compartilhando sentidos.

Ainda tratando do espaço do interstício, e também do espaço do estranhamento nomeado por Bhabba, esta monografia teve a intenção de evocar na

⁶ Google Maps e Google Street View são ferramentas online de mapeamento Via Satélite

⁷ Sob o Comando dos Professores Cristóvão Duarte (Projeto Urbano e Coordenação do AI2); Guilherme Lassance (Projeto Arquitetônico); Roberto Anderson (Projeto Paisagístico) e Alexandre Pessoa (Técnicas de Apresentação de Projeto) , fui convidada para dar uma palestra obrea a VM e conhecer os projetos dos alunos do Atelier Integrado 2 (8º período) da FAU-UFRJ para a área da Vila Mimosa e debater possibilidades reais de execução. Eles falaram sobre os aspectos urbanos e eu sobre o aspectos humanos. Foi um encontro muito rico, que me motivou muito a dar continuidade a este trabalho.

⁸ Artigo publicado na Revista História Oral, v.15, n.2, p.125-129, jul-dez 2012

escrita, enquanto método de trânsito nas fronteiras descritas, o andarilho de De Certeau diante de um caminho entre o tal *lugar que não estava lá*, diferente, quase oposto, ao *não-lugar*⁹, de que trata Marc Augé. Aquele que faz a ponte nas fronteiras, que transita entre o espaço de fluxos que unem a casa e o mundo, o antropólogo e o autor. O exercício do *flâneur*, o *Spleen de Paris*, revisto por Benjamin¹⁰, que vai refletir na escrita deste trabalho e num entendimento da Vila Mimosa enquanto um lugar ora invisível, ora transitoriamente visível enquanto lugar socialmente esquecido à própria sombra.

1. Prostituição, Itinerância e Invisibilização

Data do início do Século XIX uma série de mudanças significativas no âmbito da cidade do Rio de Janeiro. A chegada da Família Real Portuguesa faz com que a cidade do Rio de Janeiro torne-se capital do Império Português. Para atender às necessidades sexuais da corte, polacas – nem todas polonesas, mas também russas, romenas e eslovacas - e francesas foram importadas da Europa: as primeiras instaladas na Zona do Mangue, associadas à população de baixa renda; as segundas nos bordéis da Lapa, Glória e Flamengo, bem vestidas *cocottes* que atendiam aos figurões da alta sociedade, políticos e ricos em geral .

Com a normatização progressiva da cidade – e um processo crescente de urbanização – e o reaparelhamento da cidade do Rio de Janeiro como porto de exportação e epicentro comercial do Sudeste brasileiro, “*as prostitutas tinham de atender à necessidade imperiosa do prazer venéreo, sem provocar grandes problemas na organização social*”.¹¹ Prostituir-se não era e não é proibido: a

⁹ Marc Augé chama “não-lugares”, em oposição aos “lugares antropológicos”, que mostram dimensões identitárias, históricas e relacionais, os locais cada vez mais despersonalizados das metrópoles modernas, tais como : aeroportos, shopping centers, auto-estradas. Lugares sem características culturais, territoriais e simbólicas, que “apenas nos possibilitam fazer mais coisas em menos tempo”.

¹⁰ Walter Benjamin tomou o livro “As Flores do Mal” de Charles Baudelaire como referência para uma compreensão da modernidade. Em seu livro, Baudelaire vive inúmeros personagens: flâneur, dândi, andarilho – sempre desafiando as regras do jogo social e extraindo “o eterno do transitório”.

¹¹ Doutor Herculano Augusto Lassance Cunha, em “Dissertação sobre a Prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro”, Typographia Imparcial de Paula Brito, 1845. P.4 . Tese apresentada à Faculdade de Medicina. In: Rameiras Ilhoas e Polacas: A prostituição no Rio de Janeiro no século XIX”. Luís Carlos Soares. Ed. Ática. Rio de Janeiro. 1992

proibição recai sobre a exploração da prostituição, ou seja, nada impede que uma mulher obtenha renda vendendo o próprio corpo, mas a atuação de um cafetão, ou dono de boate, no caso da Vila Mimosa é vetada legalmente.

Diante do aspecto semântico, a diferenciação era clara, como pode se notar no quadro abaixo, a partir da leitura dos anais médicos datados da metade do século XIX:

Mãe de Família e Rainha	Mulher da Vida
Mãe	Mulher
Rainha do Lar	Bastarda
Casta	Devassa
Pura	Pecaminosa
Lar	Bordel

Nota-se, através das referências bibliográficas utilizadas, que a prática de prostituição era tema médico, relativo ainda a distúrbios de comportamento e caráter. Em nenhum momento, buscou-se extinguir a prostituição, mas regulamentá-la, resguardando-se a família e a mulher dita honesta. Neste contexto, a prostituta era um centro de contradições: era associada a uma prática mal vista para a sociedade em geral, mas tolerada socialmente, contanto que não representasse ameaça à moral e aos bons costumes. Começa assim um longo histórico de escamoteamento da sexualidade feminina relativa à prostituição: os campos para tratar o tema da *mulher da vida* eram médico e / ou policial. A prostituição era vista como patologia ou vício, enquanto caso médico, ou era vista no contexto proibido da exploração criminosa da mulher como objeto e, portanto, caso de polícia.

A complexidade do recorte histórico proposto neste trabalho – que refere-se à mudança proposta pela Prefeitura do Rio de Janeiro mais de um século depois do estabelecimento das prostitutas na Zona do Mangue – se dá e contextualiza o que ora nomeou-se invisibilidade pelas mesmas razões dispostas nos parágrafos acima: há uma imensa dificuldade em localizar no “aparato científico” dados quantitativos e qualitativos que alicercem com acuidade a pesquisa histórica sobre as origens da prostituição na Zona do Mangue. Trata-se de um longo silêncio a respeito do tema, sua associação atávica à sujeira, à imoralidade, à desonestidade, ao crime e à

doença que fazem com que a invisibilidade evocada na pesquisa seja o único modo do *vir a ser coletivo*.¹² Ser tolerada – e não aceita – enquanto prostituta dependia, e ainda depende, da capacidade da “mulher da vida” em ser discreta e pouco notada. Invisível, no melhor dos casos.

Por outro lado, a complexidade de inserção e contextualização, de trabalharmos com o tema da prostituição relacionando-o com conceitos tais como local e fronteira numa cidade contemporânea, se dá, sobretudo, pelo aspecto dessa itinerância, dessa falta de um local com o qual se estabelecem raízes. Para onde elas irão agora? Qual será o percurso da invisibilidade itinerante de uma zona de prostituição numa cidade que abrigará grandes eventos que atraem todos os olhares? Quais as perspectivas para um espaço tão complexo, localizado numa área pericentral do Rio de Janeiro?

Nelson Brissac, em seu “Cidades em ruínas”, fala do viajante. Das pessoas em busca do “seu lugar”. Segundo o autor, a busca da identidade tem um sentido espacial, de criar vínculos com determinado local. Nesse aspecto, a identidade relativa à prostituição teria um aspecto quase físico de localização, os conceitos de identidade e território se confundem, como se a “zona” fosse uma fortificação itinerante, cujos sistemas identitários internos se dão de forma muito própria e pouco permeável ao meio onde se insere. Uma grande ilha itinerante. Sobretudo no sentido da organização interna das normas que governam a “zona” e que, independente de onde esteja instalada, serão a orientação peculiar das condutas de quem entra naquele espaço simbólico, e também de quem vive na periferia da zona de prostituição, impactando, no caso da Vila Mimosa, também no espaço físico de todo o entorno.

Desta forma, não quero dizer que esta “célula gigante” não tenha alguma permeabilidade às normas e hábitos dos lugares onde se instala. No entanto, o conjunto das normas internas sempre terá uma força identitária independente do entorno. E que, de alguma forma, vai se espalhar por esse entorno, dando-lhe nova dimensão identitária, sobretudo para quem vê “de fora”. Onde quer que seja, sempre haverá a “zona”. A Vila Mimosa é, a priori, um território, onde quer que se estabeleça. O alargamento da fronteira se dá justamente através dos sujeitos de dentro ou de fora do muro simbólico que ousam testar os limites e criar outras relações com esse

¹² Memória da Morte, memória da exclusão: prostituição, marginalidade e reconquista da cidadania. Francisca Eleodora Santos Severino. Letras & Letras. 1993

“território desterritorializado”¹³, de que vai falar Guattari, por exemplo, ou na resiliência dos andarilhos cuja identidade reside no próprio andar.

Diante disso, quando nos referimos a território nesse trabalho, e que na construção da pesquisa foi entendido como algo unificado, coeso, com identidades conformativas bem delineadas, estamos pensando numa estrutura não estanque e engessada nas construções urbanas e arquitetônicas. Não se trata aqui do território biológico animal. Tampouco do território geográfico que pressupõe uma identidade comum advinda de uma sensação de pertencimento (no sentido de “pátria” ou “nação”). No campo da geografia humana, Haesbaert traz um conceito de que tomei parte:

“Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca.”¹⁴

Guattari, nesse sentido, faz críticas ao urbanismo, falando do “território desterritorializado”. Essa “desterritorialização” do sujeito, - que se reflete na cidade- deve ser discutida enquanto uma genealogia da formação de outros territórios, na produção da “valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”¹⁵. É o território em construção, o território que é ele mesmo mediador das relações entre as pessoas e o espaço, o território que é, ele mesmo, produto e mediador de um sistema de representação cultural.

Michel De Certeau apresenta, em seu “Andando na cidade”, a noção de espaço que só existe no próprio caminhar. Ou seja, sem a permeabilidade de fronteiras que o andarilho irrompe, sem a cartografia do andar, os lugares estão fadados à morte. É o andarilho que visualiza e inaugura o que Homi K. Bhabha vai

¹³ Guattari, Félix. Caosmose. Restauração da cidade subjetiva.

¹⁴ Haesbaert, Rogério. Conferência realizada em Porto Alegre, em 2004. Transcrita no site da UFF, de acordo com o endereço:
http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_H_AESBAERT.pdf

¹⁵ Haesbaert, 2004. Pag 40

chamar de terceiro espaço, o espaço de interstício. Para Bhabha:

“O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.”¹⁶

Não vejo um processo de gestão organizado dessa “fortificação hipotética”, uma burocracia do “território da zona”: apenas um conjunto de regras de conduta mais ou menos fixados para uma gestão do funcionamento. O que pretendo contextualizar é que, por conta do preconceito histórico com o tema da prostituição, as áreas, os locais que abrigarão o assentamento já recebem a área de prostituição com uma fronteira intrínseca: aquela que se estabelece sob um aspecto arraigado de moralidade e que já vem com e contra a “zona”. Tanto para um lado, quanto para o outro, de dentro pra fora e de fora para dentro. Tanto a orientação por parte das famílias de que, por exemplo, as crianças se mantivessem longe, ou logo o estabelecimento de uma igreja evangélica para salvar as meninas do pecado, quanto uma barreira auto-imposta por boa parte das próprias prostitutas, repetindo que “sabem o seu lugar”.

Do outro lado da fronteira, ouvi sobre “saber o próprio lugar” inúmeras vezes. Marcinha, uma das muitas “meninas” com quem convivi durante os muitos anos em que frequentei semanalmente a Vila Mimosa, morria de vergonha de me encontrar quando eu estava dentro da “zona”. Normalmente, a serviço, ela estaria apenas com a parte de baixo de um minúsculo biquíni e sequer me daria um abraço. Ela acenava de longe e se escondia muitas das vezes, enquanto fora dali, nos falávamos ao telefone, ela assistia aos shows de rock na Rua Ceará, enquanto tomávamos uma cerveja. E ela falava abertamente sobre ser prostituta e “ter um velhinho que cuidava dela e não se incomodava com o que ela fazia”.

Neste contexto, portanto, é que se faz necessário apresentar as origens

¹⁶ BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 27.

históricas do processo de invisibilização relativo ao tema da prostituição e de que forma isso conecta as identidades de exclusão que se encontram quando da remoção da Vila Mimosa e seu estabelecimento na Rua Sotero dos Reis, no ano de 1996. O que encontrei de mais visível nesse trabalho foram grandes fronteiras, tanto simbólicas quanto físicas, que, no decorrer da pesquisa, foram postas abaixo. E outras que se ergueram e ficaram mais visíveis do que os lugares que isolam e comunicam, como veremos no capítulo III, com a reflexão sobre a cartografia do encontro. Para tanto, veremos a seguir uma breve contextualização da Rua Ceará e adjacências, pois moradores e frequentadores já estavam lá antes da chegada da Vila Mimosa.

1.1 A Rua Ceará

Após a apresentação da Vila Mimosa, suas origens históricas e questões relativas à itinerância e invisibilidade, comecei a entender que uma apresentação mais detalhada da Rua Ceará também se fazia necessária, de maneira que se pudesse contextualizar especificamente – o que ficará claro no Capítulo II, com o trabalho de campo – como era a área da Rua Ceará, independente da força da presença da Vila Mimosa na Rua Vizinha. O entendimento do impacto desse encontro, das condições que favoreciam que a VM se instalasse ali e não em outro lugar, exigiu que eu apresentasse também a Rua Ceará e seus aspectos históricos.

Os moradores mais antigos, alguns vivendo há cerca de 70 anos na Ceará, contam da época em que as cantoras do rádio passavam à cavalo para comemorar o Dia do Trabalhador na Quinta da Boa Vista, durante o governo de Getúlio Vargas. A Ceará tinha uma chapelaria, algumas sapatarias e um comércio convencional de lanchonetes e lojas variadas. Os inúmeros sobrados que ainda resistem, apesar de não contarem com nenhum tipo de proteção do patrimônio histórico, remontam ao final do século XIX e a uma época gloriosa do bairro de São Cristóvão.

Com o crescimento constante da cidade e a desocupação progressiva do centro enquanto bairro de moradia, nas áreas pericentrais, tais como São Cristóvão, Lapa, Praça da Bandeira, Praça Mauá, zona portuária e Cidade Nova, notava-se a

resistência de algumas áreas residenciais. O progresso “varreu” o centro e deixou para trás áreas deterioradas, como cicatrizes de uma outra época.

A Rua Ceará era parte da Rua de São Cristóvão, que era um importante eixo viário que ligava o Matadouro Municipal (na atual Praça da Bandeira, Fig. 2) ao cais da Praia de São Cristóvão, local por onde chegavam os rebanhos e era escoada a produção de carne. Na década de 60, após alguns planos de urbanização da cidade, aquele pedaço da Rua de São Cristóvão foi renomeado de Rua Ceará.

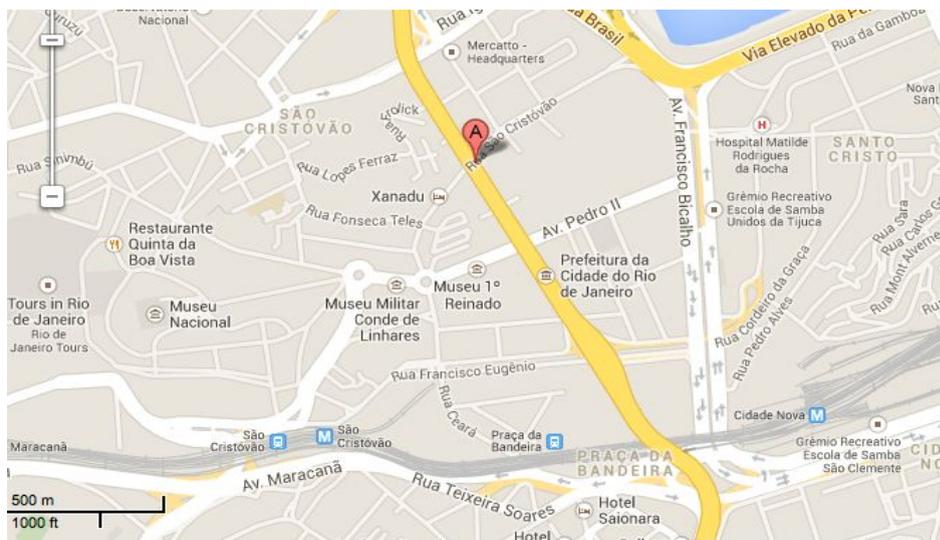


Fig. 1 Rua Ceará, continuação da Rua de São Cristóvão – Fonte: Google Maps

Segundo boa parte dos moradores, a rua foi morrendo. Na década de 80, ela tinha uma chapelaria enorme e um supermercado Disco. O Galpão ocupado pela Vila Mimosa, na rua vizinha, pertencia a CCPL. Havia movimento na Rua Ceará. Milhares de trabalhadores nos seus irs e vires diários. O trem ainda funcionava e passava nos fundos da rua. O clima era de bairro, com os prédios comerciais entremeados de casinhas e sobrados antigos – alguns ainda existentes, outros transformados e com janelas de alumínio – nenhum deles tombado pelo patrimônio histórico. Muitas das casas são posses e legalizá-las não é nada fácil.

Datam do final da década de 80 o surgimento dos primeiros bares de rock da Rua Ceará. Antes disso, a Rua Ceará, ou apenas Ceará – como é conhecida intimamente por frequentadores e moradores– já contava com um número significativo de oficinas de moto e com o primeiro motoclub do Brasil, atualmente com mais de 40 anos de existência, numa época em que os clubes de motos eram

ainda muito marginalizados e tinham rixas uns com os outros. Houve brigas, mortes e desentendimentos que contribuíram para a fama de homens maus dos Balaios e que, segundo os moradores, trouxe um senso de segurança e respeito para a Ceará. Até hoje os Balaios são temidos e respeitados. Os iniciantes são chamados de *soldados* e tomam conta das tarefas mais variadas e desagradáveis dada sua “baixa patente”: lavar os banheiros da sede, lavar toda a louça, fazer guarda na porta da sede enquanto os demais se reúnem no segundo andar. Desordens na rua, atividades que chamem a atenção da polícia não são tolerados. Mesmo que seja sabido que muitos deles consomem drogas e fazem outras atividades ilícitas na sede. Nunca a olhos nus.

Passando por baixo do viaduto da supervia, o que se vê é uma rua repleta de oficinas de moto. Muitos moradores referem-se ao viaduto como “portal”, remetendo-se a uma mudança clara de espaço, de relação com o restante da cidade, como ficará mais claro no Capítulo II, com a transcrição das entrevistas. A primeira oficina de lambretas da América Latina fica ali, - o Motoclube do Brasil-compartilhando a garagem do famoso Garage, bar cultuado nas décadas de 80 e 90 pelos shows de metal e, posteriormente, punk que realizava, hoje fechado. Ao lado do Heavy Duty, bar em atividade famoso pelo “pior atendimento do Rio de Janeiro”¹⁷.

O Garage (foto 1) teve uma importância extraordinária para a cultura *underground* do Rio de Janeiro. Fábio “Gordo”, o criador e dono (durante a maior parte da existência do bar), morto esse ano por insuficiência renal, era considerado um “louco visionário”, apaixonado pela cultura do rock e pela cultura *underground*. O Garage foi o bar da adolescência de grande parte dos apaixonados pelo gênero e muitos os empreendimentos da Lapa e Botafogo relativos ao rock pertencem a ex-frequentedores do Garage. Bandas iniciantes, com shows de punk rock e de Heavy Metal começavam ali a mostrar suas músicas para o público. Bandas com Planet Hemp, Matanza e Autoramas apareceram ali, antes mesmo de definir que rumo artístico tomariam. Outras, mais famosas e internacionais, como *The Buzzcocks*, *Backyard Babies*, e *Agnostic Front*, *GBH*, *Atack 77*¹⁸ faziam a festa da

¹⁷ O proprietário do Heavy Duty, um Balaio conhecido como Zeca Urubu, tornou-se conhecido entre os frequentadores por seus bordões de atendimento no balcão do bar: “venha, venham, venham todos”, “batata-frita tá pronta, porra!”, “essa merda não é restaurante! X-burger tá pronto, porra” são alguns dos impropérios gritados num microfone para anunciar quando os pratos ou drinks estão prontos. Zeca frequentemente diz, no mesmo microfone: “o pior atendimento do Rio”, para designar sua estratégia de vendas.

¹⁸ Bandas *punks* estrangeiras que passaram pelo Garage.

garotada punk, embalada a *gummie*¹⁹ e em constante rixa com os frequentadores mais afeitos ao estilo *Heavy Metal*, subgênero de rock mais popular na Rua Ceará até a década de 90.



Foto 1 Entrada do Garage num horário pouco usual: o dia.

Leonardo Feijó, produtor cultural e empresário da noite do Rio de Janeiro, teve sérias intenções em reabrir o Garage em 2007, observando a importância cultural do clube e esbarrando no empecilho das legalização dos imóveis na região. Ele comenta a tentativa de reabertura do Garage e coloca uma interessante relação entre ser visível demais para trabalhar num lugar onde negócios e ilegalidade caminham juntos:

“Então, quando eu tentei fazer em 2007, quando o Garage já estava fechado há bastante tempo, a casa tava caindo, sabe? Já tava sem uma parte do telhado, as paredes tombando. E eu pensei: então tá, vamos pegar uma grana e reformar as paredes, colocar um telhado pra essa porra não cair e vamos tentar reabrir. A gente alugou o espaço, pagou uma grana de aluguel por uns

¹⁹ Bebida a base de cachaça ou vodka misturadas a sucos instantâneos de frutas, tipo os da marca Tang. Opção barata de bebida alcóolica, que os locais costumemente chamam de “bebida baixa renda”.

meses eu tentei legalizar. Mas é impossível legalizar. Só pode trabalhar ilegal e em 2007 eu já tinha 6 casas, tava abrindo a sétima. Não podia trabalhar ilegal. Eu era visível demais para trabalhar ilegal.”²⁰

Caminhando um pouco mais, do lado direito, localiza-se o “Bar do Grunges”, como era conhecido na década de 90, com suas *jukeboxes* repletas de discos de rock e subgêneros (sobretudo *metal*), misturados aos últimos sucessos do brega e do “arrocha”. Num bar mais à frente – o mais limítrofe entre a Rua Ceará e a Sotero dos Reis - , em meio a mesas de sinuca e outras *jukeboxes*, um típico cenário de fronteira: algumas poucas prostitutas comprando cigarros e bebendo cerveja, traficantes, usuários de drogas, jovens *roqueiros* em busca de bebida barata (mais barata que na Ceará, diga-se), alguns rostos conhecidos, oriundos dos clubes de moto da rua vizinha, sabe-se lá em busca de quê.

Em frente, dois novos bares GLS (como nomeiam os donos e frequentadores), atendendo um público que é rechaçado do início da rua, onde os motociclistas são bem pouco tolerantes com homossexuais. Tanto que dois bares que tentaram se estabelecer no início da rua não duraram mais que 6 meses. A pressão era grande para que os gays não fizessem demonstrações afetivas na frente dos moradores. É interessante analisar que os bares GLS só conseguiram se estabelecer exatamente na fronteira, onde ficava o muro da linha férrea, precisamente no limite entre a Ceará e a Sotero dos Reis, entre o universo familiar–machista e o universo libidinoso e aparentemente permissivo da Sotero dos Reis.

Numa das entrevistas, perguntei a um jovem frequentador, que não quis se identificar, o que o levou até ali. A resposta dele, visivelmente embriagado:

“cerveja *baixa renda* (como são chamadas marcas mais baratas disponíveis no mercado tais como: Itaipava, Nova Schin), olhar as garotas, ouvir um som dos *Raimundos*, *Detonautas*, *Charlie Brown Jr.*”²¹ Com quinze contos faço uma graça.”²²

Não por acaso, o muro da linha férrea, que se localizava exatamente ali, era cercado de histórias de “covardias e *justiçamentos*”, como dizem alguns moradores.

²⁰ Entrevista concedida em novembro de 2013, na Rua Ceará.

²¹ Bandas Brasileiras de rock comercial.

²² Entrevista concedida em setembro de 2013 no limite entre as ruas Ceará e Sotero dos Reis

No final da década de 90 era comum, entre frequentadores dos bares na zona limítrofe entre as Ruas Ceará e Sotero dos Reis, ouvir falar de represálias e até execuções por um famoso ex-policial da área conhecido pela alcunha de Jimmy Cliff. Ele ganhara alguma notoriedade por dar tiros para o alto e impor toques de recolher, para “evitar que algo de mal pudesse acontecer” com alguns frequentadores, às vezes apenas garotos, mais bêbados que pudessem “arrumar confusão” na entrada da zona. Conta-se que foi brutalmente assassinado, entre tantos relatos de violência e mortes exemplares que começaram a acontecer quando a VM chegou com seus “muros e guardas”. Notícias que nunca saíram dali para as páginas policiais.

Durante a pesquisa, pouco se encontrou de referência histórica da Rua Ceará, a não ser pelo que contam os moradores. Uma parte da história da Ceará foi apagada da história da cidade. Uma rua pobre, castigada por inúmeras enchentes, com “jeito” de vila, numa zona semiabandonada da cidade se mostra um lugar bastante adequado para a instalação de uma zona de prostituição. O comércio convencional se extinguiu pouco a pouco, levando com ele a dignidade dos moradores, o emprego de muitos, deixando para trás um sem-número de prédios abandonados, de moradores abandonados num outro tempo.

Por outro lado, o senso comunitário permaneceu forte por muito tempo, foi se enfraquecendo com o empobrecimento da área, se erigindo trôpego do meio das ruínas, e se reconfigurando após a chegada da VM. E naquelas ruínas havia espaço para o surgimento dos pequenos tráfico, pequenos bandos de ladrões que não atacavam dentro da comunidade, mas que já anunciavam outros tempos na Rua. No entanto, sem a Vila Mimosa no “pedaço”, todos pareciam confortáveis com a mentalidade de que o que se fazia de errado fora dali não precisava ser comentado ou julgado na comunidade.

O impacto desse empobrecimento gradativo e da posterior chegada de uma zona de prostituição num bairro onde todos se conhecem, onde as crianças brincam juntas na rua, onde se compartilham mesas em festas comunitárias, durante as quais todos levam quitutes para dividir com os demais souu como uma invasão e uma perda de controle nos domínios de quem estava lá antes. E com a chegada da VM é como se, de repente, toda a comunidade fosse subitamente fagocitada pela zona e todos tivessem ficado invisíveis anônimos, orbitando o “buraco negro” da Vila Mimosa, ainda que involuntariamente, como veremos mais adiante, no Capítulo III.

2. Estudo de Casos: a Rua Ceará recebe a Vila

*“O cachimbo cai, a fumaça sai e é atrás da fumaça que o Manelzinho vai”.*²³

Neste trabalho procurei ouvir e transcrever os depoimentos e entrevistas de moradores e frequentadores a respeito de suas impressões sobre a área da Rua Ceará e da Vila Mimosa, procurando ilustrar a chegada da Vila Mimosa e os seus efeitos sobre a comunidade que já ocupava a área antes.

Nesse capítulo, através da pesquisa de campo, pretendo mostrar os efeitos da instalação da zona de prostituição tanto para moradores da Rua Ceará e frequentadores da Vila Mimosa, quanto para donos de negócios já instalados há muito tempo na área e para produtores culturais cujos olhos agora se voltam para aquela área, enxergando uma oportunidade de negócio não imaginada antes.

Minha intenção é demonstrar como as identidades de sombra se encontram e relacionam naquela região e o quanto este encontro se inscreve e se beneficia do cenário urbano fisicamente descrito. Chamo de identidades de sombra neste trabalho aqueles grupos que por razões legais, sociais e / ou simbólicas se reúnem na região em questão, aproveitando-se do local como um esconderijo, uma possibilidade de escaparem da polícia e dos trâmites legais, dos governos e taxas. Eles são os atores que estão “atrás da fumaça” de que fala Manelzinho, ou que atravessam o portal do viaduto e se sentem num outro tempo, sem passarem pelo crivo do mundo lá fora.

Manelzinho tem 68 anos, é paraense e mora há quase 40 anos na Rua Ceará. De origem muito pobre, conta que quando chegou ao Rio de Janeiro atrás de uma prostituta 10 anos mais velha, por quem se apaixonou

:

“Eu vivia na feira de Ver O Peso. Meus pais moravam no interior, na Ilha de Marajó e eu já morava na Capital. Lá eu vendia café e bolo como ambulante e trabalhei numa panificadora. Eu gostava da vida noturna, de gafeira.

²³ Manelzinho é um conhecido punquista da área. Morador da Rua Ceará há mais de 30 anos, ele canta vários versos aos quais ele chama de *rap* que fazem alusão às atividades ilícitas que ele pratica.

Aí eu abandonei a mulher que eu era casado por causa de uma prostituta e vim com ela para o Rio de Janeiro.” Hoje ele abre a janela da casa que dá pra calçada e vende cerveja e salgadinhos de pacote, mora com outra mulher e cinco filhos e desde que o conheço já foi inúmeras vezes para a prisão: “Desde que cheguei ao Rio, nunca trabalhei. Só *pá* (faz um sinal conhecido com as duas mãos, indicando furto), tá entendendo? Sem fazer mal a ninguém.”²⁴

Apesar da origem pobre, das razões que o trouxeram para o Rio de Janeiro e da natureza das atividades que pratica para sobreviver, Manelzinho foi um dos moradores que queimou pneus na entrada da Rua Ceará para impedir que a Vila Mimosa se instalasse na Sotero dos Reis. Outras atividades ilegais não parecem incomodar tanto quanto aquelas relativas à prostituição:

“Quando elas chegaram aqui, foi o maior enredo. A gente se reuniu e queimou uns pneus lá na entrada, pra VM não vir. Fechamos a Radial Oeste... Tu quer ver? Às vezes eu tô na cidade, na Rua de Santana, onde eu gosto de fazer compras no supermercado. Aí eu peço para um taxi me deixar na Rua Ceará e ele fala: “Já sei, é pra eu te levar pra Vila Mimosa.””²⁵

Assim, Manelzinho confirma que, em geral, os moradores da Rua Ceará, frequentadores e prostitutas da Vila Mimosa são vistos, aos olhos de quem não conhece, de quem vê de fora, como “farinha do mesmo saco”. E essa constatação está presente na maioria absoluta das entrevistas.

Em inúmeros depoimentos, algumas características comuns foram detectadas: a maior parte dos entrevistados não é natural do Rio de Janeiro, possuindo um histórico de pobreza na infância e boa parte deles, apesar de praticar atividades ilícitas, criam uma espécie de gradação entre as atividades, sendo a prostituição a mais ligada à sujeira, à doença, à pobreza e à desonra.

Encontrei Paulinha, trinta e nove anos, seis de prostituição na Vila. Ela me pediu para não ser filmada: “não tenho nem *Face*”²⁶, disse-me com a clara idéia de estar me dando um status importante de sua invisibilidade. Uma pessoa sem *Face*, sem face. Ela hoje é moradora da Rua Ceará e corretora de imóveis há dois anos, usa o nome verdadeiro e é casada com Alex. Ninguém do trabalho pode saber qual

²⁴ Entrevista realizada com Manelzinho em Agosto de 2013 na Rua Ceará.

²⁵ Idem

²⁶ Durante entrevista realizada em Outubro de 2013 na Rua Ceará. Paulinha Refere-se a não ter um perfil no site de relacionamentos Facebook . www.facebook.com

era sua ocupação anterior. Perguntada sobre a convivência entre os moradores, ela classifica:

“A relação é de paz e respeito. Acho que, acho não, tenho certeza de que existe uma relação de tolerância. [...] Não tem aquela parte de amizade, de repente, mas acho que se toleram, tanto moradores, quanto quem trabalha.”²⁷

Tolerância é uma palavra muito utilizada para a compreensão do encontro da Vila Mimosa e da Rua Ceará. Após a instalação da VM a geografia do lugar exigiu um compartilhamento espacial que refletiu no estabelecimento de algumas regras de convivência e gerou uma relação de aceitação parcial da coexistência de ambas as partes. No entanto, essa tolerância não diminuiu algumas tensões provocadas pela existência da Vila ali, nem o preconceito de quem confunde a parte pelo todo.

O medo de ser confundida com uma *menina*, apesar de já ter sido uma, no caso de Paulinha, é uma constante sobretudo para as mulheres que vivem na Ceará. Elas se referem ao medo de serem reconhecidas sob a identidade da prostituição pelo simples fato de morarem na Ceará e isso inscreveu uma grossa camada de tijolos entre as duas ruas. Um grande número de pessoas se refere à Ceará como sendo Vila Mimosa. E não é, como fazem questão de frisar os moradores com quem pude conversar a respeito. Por um lado, Paulinha diz que as pessoas se toleram, mas reconhece que boa parte das mulheres sofre com cantadas e convites para programas por apenas estarem na Rua Ceará:

“Do lado nas meninas, das crianças, das senhoras não tem distrato com as meninas da Vila, mas tem o preconceito em relação ao ir e vir, que as pessoas acabam confundindo os moradores com as garotas. Eu acho que é complicado. Tem muita mãe de família, muita adolescente que mora aqui e que é confundida constantemente com pessoas que trabalham na Vila”.²⁸

Ainda sobre essa confusão de identidades, outros moradores se manifestam indignados. Tininha, professora da Escola Nacional de Circo, 44 anos, nascida na Ceará, diz porque é contra a manutenção da Vila Mimosa:

²⁷ Entrevista concedida na casa de Paulinha, em setembro de 2013

²⁸ Idem

“Não por elas. O problema é quem vem atrás delas. Agora que abriu, melhorou um pouco, mas há um tempo atrás, qualquer pessoa que saísse daqui, qualquer mulher que saísse da rua era prostituta. Então, mexiam com você como se você fosse uma prostituta. Eu trabalho aqui do lado na Escola Nacional de Circo. Eu ia de carro. A pé, eu passava embaixo do viaduto, alguns achavam que eu tava vindo ou indo para a VM.”²⁹

O discurso comum entre os moradores da Rua Ceará é que a Vila Mimosa, se não acabou, enfraqueceu o senso comunitário. Ela trouxe outros “estranhos”, ela obrigou a convivência entre outras minorias que, antes da retirada do muro, compartilhavam da Rua Ceará como única porta de entrada para a Vila Mimosa. Não são os playboys da classe média que frequentam a VM como consumidores de sexo, nem a maioria dos frequentadores dos clubes de rock da Rua Ceará. São trabalhadores da construção civil que moram longe e trabalham nas obras ao redor, homens e garotos oriundos de outras áreas periféricas da cidade, drogados em busca de um lugar sossegado e que passam dias dentro de um beco da zona, apenas para consumir drogas sem serem incomodados. Pequenos traficantes se escondendo da polícia. Policiais, reformados ou não, que são donos da maior parte das casas da zona. Pessoas que não podem e não querem ser vistas.

Ainda sobre o comportamento dos moradores em relação à redução do espírito comunitário da Rua Ceará após a chegada da Vila Mimosa, Tininha afirma:

“O pessoal daqui não vai lá. A gente interage nesse pedaço aqui. Do oitenta até depois do Medellín³⁰ virou um espaço que ninguém mexe com ninguém. É um espaço nosso. Cada um toma conta do outro. Virou uma comunidade depois que a comunidade nossa se desfez com a vinda da VM.”³¹

O que fica claro no discurso de Tininha e que é notável na maior parte das entrevistas é esse senso de “diminuição” do espírito comunitário dos moradores antigos daquela área. Os moradores observam que a chegada da Vila Mimosa aconteceu após um processo de sucateamento da Rua Ceará, o fechamento do comércio formal, o empobrecimento, a perda de emprego.

²⁹ Entrevista realizada em Setembro de 2013, na Rua Ceará.

³⁰ Medellín é um prédio enorme que abriga uma oficina de motos no térreo, mas que recebeu esse nome por reunir usuários de drogas e pequenos traficantes que se escondem nos andares abandonados e fazem um comércio discreto e silenciosamente respeitado por moradores.

³¹ Entrevista realizada em Setembro de 2013 na Rua Ceará.

Observa-se no discurso dos moradores, quando se trata de a Prefeitura ter realocado a Vila Mimosa, que, quando o poder público “autoriza” a Vila Mimosa a se instalar ali, ele está equiparando toda a área. De certa forma, os moradores sentem como se o poder público dissesse: “vocês são todos a mesma coisa, farinha do mesmo saco.”

Para os que têm negócios na Rua Ceará, a instalação da VM ali é controversa. Os que alugam quartos acham bom, dizem que é “regra lá de dentro” que elas paguem em dia. Seu Luís, 70 anos, todos eles vividos na Rua Ceará, vive do aluguel de quartos e de uma pequena birosca e me conta:

“Elas não atrapalham ninguém. Elas deram mais a ganhar à Rua Ceará. Podem fazer lá os negócios delas, mas pagam em dia. Por mim, podiam ficar pra sempre.”³²

No sentido da econômico, no entanto, constatou-se uma queda significativa do valor dos aluguéis após a chegada da VM, mas um número maior de imóveis alugados, numa economia que gira em torno do negócio da prostituição e que, no entanto, não foi diretamente benéfica aos comerciantes formais da Rua Ceará, já que, por um lado, eles não querem prostitutas frequentando seus estabelecimentos – pois isso representaria assumir a fagocitose da VM em relação à Rua Ceará – e, por outro lado, as prostitutas têm como obrigação levar os clientes para consumir nas casa da Vila.

Zeca Urubu, 44 anos, dono do Heavy Duty Beer Club, bar aberto em mil novecentos e noventa e sete, morador da Rua Ceará, conta suas impressões sobre o impacto da Vila Mimosa no seu estabelecimento:

“Economicamente, pro meu bar, não melhorou em nada. Outra coisa é que todo mundo acha que meu bar é na zona. Eu sempre tenho que dizer que a Rua Ceará não é a zona. Pra mim, mudou muito. Quando a zona veio pra cá, se estabeleceu, o movimento do meu bar até caiu.”³³

Ainda assim, novos empreendimentos vão timidamente se instalando na Rua Ceará. Um olhar “de fora” enxerga ali uma oportunidade de negócio, com a valorização dos imóveis ao redor e a chegada dos grandes eventos. Suzana

³² Entrevista concedida em maio de 2013.

³³ Entrevista concedida em maio de 2013

Vanderlei, dona do mais novo empreendimento da Rua Ceará, o Duck Walk Pub, é uma das poucas donas de negócio da área que mora na Zona Sul. A condução do negócio mostra o quanto ela acredita naquela área para os próximos anos: seu cardápio tem uma variedade de hambúrgueres *gourmet*, feitos de carnes nobres e ingredientes de primeira, o *chef* (sim, a casa tem um!) é formado numa escola culinária da França e sua carta de cervejas importadas não deixa a desejar a nenhum bar da Zona Sul.

Para ela, que não mora e não está conectada diretamente com a comunidade, a Vila Mimosa não é um empecilho, um fator de dificuldade para a manutenção do negócio. O olhar estrangeiro *glamouriza* a zona, transforma a zona em objeto de curiosidade:

“A idéia da Rua (Ceará) é de muita informalidade, só tem pé-sujo. Eu fiz tudo diferente e vejo mais impacto positivo do que negativo com a instalação da Vila Mimosa aqui. Tem aquela aura de mistério, que todo mundo ouve falar da zona e tem curiosidade. Elas, as putas, não passam, não param aqui. Se você quiser conhecer, tem que ir lá.”³⁴

Ao mesmo tempo, o olhar “de fora” de Suzana está treinado com sua própria bagagem para enxergar coisas que ficam barradas, excluídas daquele “portal” e que muitos dos moradores parecem ignorar. Apesar da diminuição do aluguel de que muitos reclamam, o preço de compra e venda dos imóveis triplicou (Ver anexo 3) e a marca de ilegalidade da maioria dos imóveis da Rua Ceará poderia justificar que a Prefeitura quisesse “brigar” para retomar os imóveis e dar lugar a empreendimentos imobiliários extremamente lucrativos. Suzana considera:

“A gente sabe que tem um monte de casa ilegal aqui. Eu trabalho num sobrado de 1903, legalizado. Estou próxima do Maracanã, do Centro. Ano que vem o cara vai renovar meu contrato e triplicar o aluguel. A Prefeitura vai chegar aqui e vai acabar com um monte de gente. Vai ter multa, vai ter um monte de regra. Eles vão chegar com o olho de cifrão. Quem depender da informalidade para viver, vai sumir. Fora que eu tenho medo que, se tirar a VM, vai acabar com todo mundo.”³⁵

³⁴ Entrevista concedida em outubro de 2013, no Duck Walk Pub.

³⁵ Idem

Não por acaso, empresários da noite voltam seus olhos para aquela área. Vez por outra suscitam uma “nova Lapa”, em referência ao bairro ocupado na década de 90, também em ruínas erigidas da prostituição, explorado pelo capital especulativo e que hoje tem graves problemas de ordem pública, violência e estabelecimentos que não conseguem ser sustentáveis.

2.2 – Grão

“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós...
...a rua é um factor da vida das cidades, a rua tem alma!”³⁶

Nessa perspectiva de atravessar a ponte ali inscrita, tive um facilitador: Luís Carlos Pissurno, 58 anos, o Grão. Conheci Grão na Rua Ceará, quando eu ainda não frequentava a Rua. Ele era sócio, com mais 4 amigos, de um estúdio chamado MDM, localizado no segundo andar do prédio em que hoje localiza-se o novo Heavy Duty, na Rua Ceará, ou apenas “Ceará”, como todos se referem à rua. Posteriormente, se associou a Fábio “Gordo”, para tocar o Garage. Ele conta qual foi sua primeira impressão:

“Eu vinha aqui por causa do Garage, eu vinha antes de trabalhar. Mas eu não gostava daqui, tinha medo. Eu trabalhava com um amigo num estúdio que mudou pra cá, mas ele não me contou quando mudou o estúdio que seria aqui. Se ele tivesse falado, eu não viria. Mas quando cheguei, fiquei “amarradão”. Comecei a me envolver com esse gueto, a fazer um trabalho social com essa galera, a entender como você circula num lugar assim e vi que tinha tudo a ver, que era uma parada que socializava os bons, os maus, os marginais.”³⁷

Dois anos se passaram até que eu o encontrasse novamente, quando já fazia os shows regularmente na Rua Ceará. Com ele aprendi aos poucos como funcionavam as partes identitárias ali esquadrihadas. Entendi como me fazer

³⁶ Rio, João do, 1881 – 1921. A Alma Encantadora das Ruas - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de C, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, 1987. Página 3.

³⁷ Entrevista concedida em 2004, na Rua Ceará.

respeitar entre “os bons, os maus e os marginais”. Aprendi, por exemplo, que, enquanto mulher, eu não deveria entrar na zona desacompanhada de um homem. Aprendi que o ambiente da Rua Ceará era extremamente machista, sexista, e que isso era uma forma de “proteção” para que eu não recebesse cantadas de frequentadores da VM, e, se recebesse, eu teria proteção imediata. Aprendi que deveria me proteger e me fazer respeitar se quisesse “ser um deles” se quisesse transpor a barreira de diferença que eles viam em mim e que existia.

Com Grão aprendi a me comportar diante da diferença e não ser notada e minha surpresa foi escutar: “não tente parecer igual a eles. Você não é”. Utilizei como referência para nossa relação uma passagem do livro “Sociedade de Esquina”, de William Foote Whyte, no qual o autor faz uma etnografia das gangues italianas de Boston em que Doc, uma figura altamente respeitável na hierarquia da gangue diz ao antropólogo, a quem chamava de Bill:

“Vá devagar, Bill, com essa coisa de “quem”, “o quê”, “por quê”, “quando”, “onde”. Você pergunta essas coisas e as pessoas se fecharão em copas. Se te aceitam, basta que você fique por perto e saberá as respostas a longo prazo, sem nem mesmo ter que fazer as perguntas.”³⁸

Diante de tantas informações sobre o *modus operandi* do meu objeto, de tantas novidades sobre meu próprio vir a ser naquele ambiente e da minha afinidade com Grão, fiz minha primeira incursão na Vila Mimosa no ano de 2004. Meu olhar, estimulado pelo curso de Produção Cultural já não era apenas curioso, era investigativo. Invisibilidade não era só consequência da miséria, era estratégia de sobrevivência. E Grão me preparou para o que eu ia encontrar, me dando sua leitura da zona:

“Eu não conheço nenhum lugar que agregue tantos comportamentos como a Zona. Tudo de bom e de ruim tem ali dentro. O Cara é presidiário, saiu um dia pra visita, vem pra zona. O tarado? Vem pra zona. O garoto que nunca transou vem pra zona. O viciado quer companhia ou apenas uma lugar sossegado para se drogar? Vem pra zona. Tem um lado muito perigoso e tem o lado que agrega todo mundo que não quer ser visto. Quando eu trabalhava na

³⁸ Pág. 303 . William Foote White. “Sociedade de Esquina”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005

Ceará e não queria que ninguém me perturbasse, ia pra zona. Não pra “pegar” mulher, mas pra ficar invisível.”³⁹

Conheci todas as pessoas possíveis e imagináveis, dada a popularidade de meu interlocutor e todas as estratégias que ele me ensinou, percebendo que não havia lugar que ele próprio não pudesse ir. Sem ele, eu não teria ido tão longe por uma razão, sobre todas as outras: o fato de eu ser mulher. As fotos que ilustram esta monografia (no Anexo II mais fotos da Vila) foram tiradas por mim, a partir das relações de confiança que estabeleci ao longo dos anos em lugares que Grão me apresentou como amiga e protegida. Muitas das fotos ilustram pessoas que hoje estão presas ou com mandatos de prisão expedidos e em situação de risco.



³⁹ Entrevista com Grão, em 2004, na Rua Sotero dos Reis.

Foi Grão, o meu “Doc” nessa jornada, que me mostrou que ali, a vigilância é total. Ninguém quer ser visto, fotografado, documentado. A Vila Mimosa, como a “fortificação itinerante” a que me refiro no Capítulo I, não é um lugar para se caminhar com naturalidade, pelo fato de ser uma área marginalizada:

“A área de prostituição é uma área marginalizada. Miséria e prostituição nunca acabam. Então, pra você estar perto de uma área de risco, tem que ter a segurança local. A VM tem a segurança de lá. E toda a área começou a ficar mais segura. Mas teve muita covardia, muita morte. Então, quem vê de fora não sabe. Mas tinha assassinatos ali que nunca foram falados. Morria uma ou duas pessoas por semana, por violência ou envolvimento com a marginalia em algum nível.”⁴⁰

Muitas vezes ouvi dele que quem frequentava aquela rua era por amor , pois ele mesmo havia presenciado situações sombrias e histórias que ele classifica como “maldades” e “coisas que não merecem ser vistas e faladas”. No entanto, Grão simboliza o interstício de que fala Bhabha, ele é a metonímia da alma rua, num sentido amplo, extraterritorial, que evoca o andar como escritura. Ele comunica “fora e dentro”, ou a “casa e a rua”. Ele comunica espaços ali, sendo um dos poucos que caminha como um andarilho, que personifica o *flâneur* citado na introdução desse trabalho:

“A Rua é de todo mundo. O interesse, o amor, devia ser pela questão cultural daqui, pelo local pela arquitetura local, pelas pessoas daqui. Isso é que é o interessante: essa mistura. Você transita por motocube, prostituição, *rock’n’roll*, droga, mas também pela história da cidade, por um outro tempo.”⁴¹

3. Cartografia do Encontro

⁴⁰ Entrevista concedida em 2004, na Rua Ceará.

⁴¹ Entrevista concedida em outubro de 2013, na Rua Ceará

Durante o governo César Maia, em 1996, a Vila Mimosa foi removida das imediações da Cidade Nova para a construção do Teleporto. Inicialmente, as “meninas” seriam transferidas para um galpão em Jardim Gramacho e a notícia correu os meios de comunicação, dando uma visibilidade transitória à Vila Mimosa, posteriormente perdida. Cabe dizer que esta visibilidade temporária não se deu de forma alinhada a uma visibilidade social adquirida, e por isso, dentre outras coisas, foi perdida tão logo o assentamento se deu. Elas não tinham para onde ir: o destino escolhido era o galpão em Jardim Gramacho, vizinho ao maior aterro sanitário da América Latina, que as aproximaria simbólica e fisicamente do lixo (ver matéria d’O Globo no anexo I).

Após um embargo que atrasou a entrega do galpão em Gramacho, a solução provisória de assentamento foi à Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira. Em uma semana a ocupação, a princípio temporária, abria as portas para clientes como Vila Mimosa (em vermelho, grifado na fotografia abaixo). Antigas fábricas abandonadas deram lugar a pequenos comércios e casas de show, como são chamados os estabelecimentos onde trabalham as meninas. Há controvérsias sobre o Galpão principal ter sido comprado da Prefeitura do Rio de Janeiro pelas prostitutas, Mas há muitas versões para essa história.

Não por acaso, a área da Praça da Bandeira onde a Vila Mimosa se instalou foi a possibilidade de assentamento encontrada. Uma área pericentral do Rio de Janeiro, com um histórico muito semelhante ao de tantas comunidades carentes da cidade, assolada por enchentes devastadoras, pela falta de saneamento básico e opções de lazer. Uma área abandonada pelo poder público, sem escolas e vivendo da sombra de um outro tempo, quando havia comércio, movimento, fábricas, trabalho local e uma esperança de progresso que se avizinhava e se esvaiu na sombra.

Enquanto a Vila Mimosa se estabelecia enquanto grupo, enquanto coletividade, fortalecida pela visibilidade temporária adquirida com a remoção, um grupo de moradores da Rua Ceará e adjacências queimava pneus e se manifestava contra a chegada das “meninas” nas bandas de lá. Contraditoriamente, a remoção dava visibilidade, pois falava-se sobre o assunto e comentava-se a mudança de endereço nos principais meios de comunicação, e, por outro lado, dissolvia e desmobilizava a comunidade que já vivia na área, como se ela não tivesse voz.

O assentamento, por sua vez, não foi pacífico, aceito plenamente pela comunidade da Rua Ceará e adjacências. Conta-se que no início do estabelecimento da Vila Mimosa na Rua Sotero dos Reis, havia muitos transexuais e meninas andando *seminus* pelo polígono. Como a Rua só tinha uma entrada, esta era compartilhada por moradores, trabalhadores das oficinas, motociclistas, roqueiros e prostitutas. As pessoas eram, a grosso modo, obrigadas ao encontro, à percepção do outro.

Moradora da Praça da Bandeira, eu ouvia muito sobre a “famigerada” Vila Mimosa quando comecei a frequentar mais ostensivamente a rua vizinha e já após o assentamento, sem, no entanto, jamais ter cruzado a fronteira circunscrita entre ela e a área, ou mesmo entre ela e o resto da cidade. Era motivo de ressalva e cuidado: “um lugar perigoso”, era o que diziam os frequentadores da rua vizinha. E motivo de “risinhos” e de mudança de assunto em rodas de conversas que se dessem fora dali. Por outro lado, e através das entrevistas, tive a nítida percepção de que os moradores da Rua Ceará não aceitavam o estabelecimento da Vila Mimosa na área e que há uma queixa constante de que o preconceito com a zona se estendeu às ruas vizinhas, transformando tudo em uma coisa só.

De início, me impressionou o ambiente altamente *masculinizado* da rua: uma mistura de clubes de moto, oficinas e bares com temática rock cujos frequentadores eram, em sua maioria perceptível a olhos nus, homens. Uma importante questão de gênero se transpôs imediatamente na minha cabeça: mas a VM não é aqui do lado? Essas mulheres não passam por aqui? Por que elas não vêm aqui atrás de clientes, nesse lugar cheio de oficinas e clubes de moto, transbordando testosterona? Confesso que fiquei muito curiosa: como um ambiente tão masculinizado, como o da Rua Ceará, era tão pouco visitado pelas vizinhas do sexo feminino, sempre ávidas por clientes?

No entanto, todos sabiam quando havia uma “visita”, quando uma prostituta estava num dos estabelecimentos da Rua Ceará. Normalmente, ela estaria comumente vestida e não estaria explicitamente a serviço. As mulheres pouco falariam com ela. E o movimento contrário – de homens frequentadores da Rua Ceará – rumando à Vila Mimosa se dava em duas situações, majoritariamente: na busca por drogas, sobretudo cocaína, porque não produz cheiro, e muito poucos curiosos sobre aquele lugar “proibido”, “underground”. Muitas das prostitutas são

usuárias e outras vendem drogas como complemento de renda, o que justifica uma parte daquilo que as identifica e comunica as duas ruas em questão: a droga.

Muito pouco se ouve sobre frequentadores da Rua Ceará em busca de companhia do sexo feminino, nos muitos inferninhos localizados na vila, a maioria com “quartos de atendimento” (foto 3). Aparentemente, são meninos oriundos de classes sociais menos abastadas, homens que trabalham nas muitas obras no entorno e um interesse comum em não serem observados. Entre os moradores é ainda mais raro, pois rapidamente se comenta e se sabe quem esteve lá e o porquê. Conta-se que no início, logo após a chegada da VM, muitos casamentos foram abalados por visitas de moradores a Vila Mimosa. A notícia se espalhava e todos acabavam sabendo.



Foto 3 – Quarto de atendimento, dentro da VM.

Outra boa parte daquilo que identifica e comunica espaços ali circunscritos – entendendo espaço como “lugar praticado”, do qual fala Michel De Certeau, segundo o qual, sem mobilidade não há espaço, daí a importância do “andarilho”, que cruza as fronteiras⁴²– é a cultura do rock. Muitas das bandas punks tocam em bares no exato vértice entre Rua Ceará e Rua Sotero dos Reis, no espaço entre as duas ruas. E muitas das *jukeboxes* dentro da Vila Mimosa possuem coleções completas de bandas de rock.

A fronteira, segundo Homi K. Bhabha, une a casa e o mundo. Segundo ele, citando Heidegger em seu livro “O Local da Cultura”:

“Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens.... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.”⁴³

Bhabha convoca a fronteira enquanto interstício, espaço que separa e que une ao mesmo tempo, com intensidades variáveis e pouco hierarquizadas do ponto de vista impositivo. É o ir e vir que evita que as identidades convivendo ali em cada extremidade das ruas se polarizem primordialmente. A passagem, os *entrelugares*, – que Bhabha define como “os excedentes das somas das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero)”⁴⁴ – , possibilita um hibridismo cultural.

A paisagem sonora⁴⁵ seria, por si só, um estudo à parte: nota-se muitas diferenças entre os sons do dia e da noite. À noite, uma mistura de rock – mais perceptível à Rua Ceará – com forró e “arrocha”, mais escutados na Sotero dos Reis. Na zona limite, uma mistura de tudo: um bar punk, um grunge, dois novos bares GLS, tocando sucessos radiofônicos de Rihanna a Beyoncé, dois bares já na entrada da Vila tocando forró. Todos os volumes muito altos. No entanto, creio que pela

⁴² Michel De Certeau trata, em seu texto “Andando na Cidade” do papel do andarilho cujas “trilhas entrelaçadas dão sua forma ao espaço”. No texto, o autor vai falar de uma “assinatura do andar”, segundo a qual o uso do espaço determina seus significados.

⁴³ HEIDEGGER, M. 1971 apud BHABHA, Homi K.

⁴⁴ O Local da Cultura. Homi Bhabha. Pág 20

⁴⁵ O conceito de paisagem sonora foi cunhado por Murray Schafer, um músico e teórico de estudos do som canadense, no ano de 1977. Segundo ele, paisagem sonora designa qualquer campo de estudo acústico, que consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos. SCHAFFER, Murray. Afinação do Mundo. São Paulo: Unesp, 2001

proximidade com a ostensiva cultura de rock arraigada na Rua Ceará, muitas das casas trabalham com o sistema *on demand* das *jukeboxes*: paga-se dois reais por quatro músicas a escolher. A surpresa é encontrar coleções completas de bandas ícones de Heavy Metal e rock progressivo, tais como Black Sabbath, Iron Maiden, Pink Floyd.

A localidade onde a Rua Ceará se insere é um enclave físico no bairro, como mostra a fotografia abaixo: em azul, nota-se o polígono formado pelas vias de Metrô e trem da SuperVia, bem como avenidas de alta velocidade. Do lado direito do mapa, grifada com a cor lilás, vê-se a Leopoldina e a Av. Francisco Bicalho, “de costas” para a Vila Mimosa, numa “zona morta” em plena zona central da cidade, marcada pelo abandono e pela negligência. Acima, a Av. Francisco Eugênio, que fechava a área com um muro – na verdade, a contenção da linha férrea- recém retirado para criar uma alternativa de fluxo entre a Praça da Bandeira e São Cristóvão. Em amarelo, nota-se a Rua Ceará, com sua concentração de sobrados e casarios antigos, ora ocupados, em sua maioria, por oficinas de moto, botequins e clubes de rock.



Foto 4. Fonte: Google Maps

3.1- A Abertura do Muro da Linha Férrea

Em 2011, a Rua Ceará passa por uma alteração que muda as relações físicas estabelecidas com a Vila Mimosa: a abertura da Rua em sentido único, orientada da Praça da Bandeira para São Cristóvão, atravessando a antiga linha férrea.

Essa modificação do mapa físico traz profundas transformações para as relações entre Rua Ceará e a Rua Sotero dos Reis. A primeira delas a ser sentida pelos moradores é que, como a Sotero do Reis tinha mão única e a Ceará era fechada pelo muro e mão dupla, a única forma de entrar e sair da Vila Mimosa era passando pela Rua Ceará, o que obrigava a todos a uma convivência mais ostensiva, não só com as “meninas”, mas com os frequentadores da VM.

Outra alteração foi que novos postes de iluminação foram instalados, tirando o aspecto soturno que beirava a linha do trem e dissipando tanto marginais, quanto seguranças da VM que costumavam praticar ali seus atos de repressão. Quando perguntada sobre os efeitos da abertura da Rua Ceará para sentido único, Paulinha me diz:

“ Melhorou a liberdade das pessoas da Rua Ceará. Porque antes, as pessoas eram obrigadas a conviver diretamente com a Vila. Então, você tinha que fazer o retorno, querendo ou não, e ter mais contato.”

Se a Vila havia ocupado parte da Cidade Nova e mudou-se para dar lugar a uma ocupação do Estado (com a construção do Teleporto), comecei a pensar por

que razões a Vila sairia da Sotero dos Reis, mesmo porque, assim como na remoção de 1996, uma visibilidade temporária seria dada para a Vila. Os moradores começam, pouco a pouco, a refletir de “fora da caixa”, a sentir os efeitos do progresso iminente, ainda que ignorando que a saída da VM possa colocar em risco a permanência da própria Rua Ceará, tal qual ela se apresenta. Não como endereço, rua física, mas como signo de uma identidade local. Paulinha comenta:

“Nós todos estamos no Centro aqui. Qualquer coisa que fizer aqui é um projeto que tem força para vender, seja comercial ou residencial. E acho que vai sair, sim (a Vila) e vai ter em outro lugar. [...] Se fala tanto em sair daqui, acho que ninguém ainda teve esse olhar com essa força, com esse poder para chegar e falar: “Olha, a Vila não existe mais, no centro da cidade, nessa posição.” Tá crescendo muito São Cristóvão, Cidade Nova. [...] Eu creio que esse fator vai começar a mexer com o bolso da cidade, vai trazer mais imposto, mais caro, vai melhorar. Aí sai (a VM), mas não sai para beneficiar as “meninas”, mas para beneficiar, de repente, o bairro, o local. Acho que se saísse seria melhor pra todos.”⁴⁶

Acredito que a abertura da Rua Ceará terá uma importante função para uma posterior chegada do aparato oficial àquela área. Dentre tantas entrevistas, os argumentos mais marcantes que se opõem à idéia de invisibilidade: “a Ceará ficou mais clara” e “dissipou a marginália” são algumas das opiniões de moradores constantemente ouvidas em depoimentos. Muitos acham que as ruas ficaram “mais independentes”.

Ainda sobre essa independência recai uma questão que só será respondida num futuro breve: será que com a chegada do aparato oficial a Sotero dos Reis, com uma possível remoção da Vila Mimosa, a Rua Ceará resiste? Essa sensação de independência que a abertura da rua causou é real ou apenas um sinal de que a visibilidade adquirida após a retirada do muro é apenas um reflexo de que tudo ali está fadado a profundas mudanças, baseadas num processo de renovação urbana e desenvolvimento e expansão da cidade?

Um dado importante é a incidência recente de grandes eventos na Cidade do Rio de Janeiro. Num intervalo de três anos tivemos a Jornada Mundial da Juventude – evento que recebeu milhares de fiéis da Igreja Católica e a visita do

⁴⁶ Entrevista concedida em outubro de 2013, na Rua Ceará.

Papa –, A Copa da Confederações da FIFA e teremos o Mundial de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Os olhos do mundo voltados para o Rio de Janeiro iniciaram uma transformação profunda na cidade. As pessoas estão lentamente saindo do Centro e da Zona Sul. Os preços são proibitivos, custo de vida alto, mobilidade péssima. Como um lugar central, ladeado por duas estações de metrô (São Cristóvão e a novíssima Cidade Nova), resiste a esse progresso?

Isso já se reflete nos preços dos imóveis da região, como se pode observar na matéria do Jornal Valor Econômico de junho de 2011⁴⁷, cujo extrato transcrevo a seguir:

“Terrenos valendo mais do que o dobro do que valiam há cinco anos e um mercado imobiliário superaquecido onde prédios comerciais são vendidos no máximo em dois meses, o ambiente parece ser o ideal para colocar à venda novas áreas. Por isso, a Previ-Rio, instituição que administra o fundo de pensão dos servidores de Prefeitura do Rio, decidiu vender cerca de 28 mil metros quadrados, divididos em oito terrenos, que ficam no entorno do prédio onde está localizada a Prefeitura, na Cidade Nova. O potencial de edificação da área é de 270 mil metros quadrados. "Hoje a cidade vive um momento ímpar com grande interesse de investimentos comerciais e residenciais", analisa a presidente do instituto, Ariane Di Iorio.

O Previ-Rio espera arrecadar com a venda cerca de R\$ 600 milhões. A estimativa é de que o metro quadrado saia por R\$ 8 mil para escritórios e chegue a R\$ 11 mil para lojas. "Estamos num ponto privilegiado da cidade, a dez minutos do centro, na saída do Túnel Rebouças, próximo à Linha Vermelha e à Ponte Rio-Niterói, além de duas estações do metrô na porta", explica a Ariane.”

Penso que apesar das diferenças e da alta visibilidade do muro que as separa, não é por acaso que, se submetidas ao olhar externo, de quem não mora e não conhece a área, *elas parecem a mesma coisa*. Procurei reiterar nesse trabalho que essa aproximação que o olhar externo encontrava em ambas as ruas, muitas vezes tomando-as como a mesma coisa, como a “zona”, era um motivo de desconforto sobretudo para quem estava lá antes: os moradores da Rua Ceará. No entanto, o que aproximava as duas ruas eram não só a geografia, mas o abandono e a negligência a que foram submetidas. Não por acaso, fora os moradores, ninguém

⁴⁷ Texto integral extraído do sítio da Confederação Nacional dos Trabalhadores das Empresas de Crédito, www.contec.org.br. Disponível no anexo 3 desta monografia.

teve o poder, o “olhar com essa força” de que falou Paulinha, de impedir que a Vila Mimosa se instalasse exatamente onde se instalou.

CONCLUSÃO

Neste projeto de monografia, procurei observar o impacto inicial e os desdobramentos da chegada da Vila Mimosa às imediações da Praça da Bandeira no ano de 1996, quando a zona de prostituição sai da Cidade Nova e, avalizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, ocupa uma área de prédios abandonados à Rua Sotero dos Reis.

A rua vizinha, com aspectos comunitários peculiares a sua própria história, é tomada de assalto por essa ocupação repentina, concluída em apenas uma semana, e é obrigada a um compartilhamento espacial que traz questões identitárias para quem está dentro e para quem vem de fora.

Deste modo, no Capítulo I deste trabalho, procurei identificar as duas Ruas, fazendo a apresentação histórica da Vila Mimosa e da Rua Ceará e as condições de ambas previamente ao encontro.

Diante dos depoimentos que colhi, aqui apresentados no Capítulo II, comecei a perceber uma fronteira que não era muito clara para mim: no meu entender forasteiro, a relação das pessoas era mais que de tolerância. No meu entendimento, havia um espírito comunitário compartilhado pelas partes, que caiu por terra quando mergulhei fundo nas entrevistas e no recorte da chegada da Vila àquela área. Eu mesma, sem sentir, tomei o todo pela parte e achei que Vila Mimosae Rua Ceará se tratavam de partes de uma mesma comunidade. Comecei a ouvir com outros ouvidos a questão da itinerância e como a falta de ações do poder público para aquela região, somada ao incômodo da aproximação da Vila Mimosa levaram aquela área a um processo de invisibilização progressivo, que acontecia de dentro para fora e de fora para dentro.

Aquela visibilidade temporária de que falei no Capítulo I foi perdida tão logo o assentamento se deu porque a voz de quem já estava lá não foi ouvida, não foi considerada necessária, relevante. E a voz de quem chegou, submetida à percepção

de quem está fora, simplesmente não existe. Ao mesmo tempo, a remoção da Vila Mimosa trata de estruturas tão complexas, que não foram absorvidas por quem estava lá e que precisaram ser ignoradas por quem está fora, para que não causassem incômodo. Assim, não foram abertamente rechaçadas, para que não retomassem alguma visibilidade, para que permanecessem silenciadas. A falta de ações e comentários do poder público e da sociedade civil relativas àquela área justificam a invisibilidade e o estigma.

Por outro lado, a abertura da Ceará, em 2011, apresentada no Capítulo III – que dá uma sensação de visibilidade readquirida aos moradores – não trata, como eles parecem imaginar, de eles terem assumido uma importância no olhar do poder público, no olhar “de fora”. Os moradores acreditam que a abertura da Rua Ceará trouxe um novo olhar para aquela área, tão castigada por estigmas de longa data. Sequer imaginam que talvez a abertura seja o primeiro passo de uma transformação que se anuncia e que coloca todos – moradores da Rua Ceará e a Vila Mimosa – num mesmo barco. Um barco que vai zarpar a qualquer momento.

Acredito que, numa cidade em plena expansão urbana, às vésperas de eventos de repercussão mundial, uma área de prostituição com essa localização, tão perto do centro, tem seus dias contados.

Diante dessa perspectiva, não acredito que, apesar das diferenças que se destacam dentro da zona de enclave, largamente percebidas nos depoimentos dos moradores, a Rua Ceará mantenha seus aspectos identitários e físicos caso a Vila Mimosa seja removida. A simbiose entre as duas ruas, sobretudo para os olhos de quem vê de fora, tem razão econômica e caráter social que fazem com que a Rua Ceará não tenha como sobreviver intocada sem a Vila Mimosa como vizinha. A vida pacata que a Rua Ceará acredita que retomará quando a Vila Mimosa sair e a subsistência vinculada à informalidade correm sérios riscos de serem varridas pelo progresso que nunca chegou ali e que ora se anuncia.

Diante disso, esse estudo confirma a necessidade de um aprofundamento na área estudada, no sentido de compreender como se dará o desdobramento do processo de ocupação urbana da cidade na atualidade, sobretudo numa área esquecida em outro tempo, um lugar que não está lá aos olhos forasteiros, que nunca experimentaram passar por aquele portal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc “Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade”, trad. PEREIRA, Maria Lúcia. – Campinas: Ed. Papirus, 1994.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. “Andando na cidade”. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23: Cidade, IPHAN, 1994.

CUNHA, Doutor Herculano Augusto Lassance. “Dissertação sobre a Prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro”, Typographia Imparcial de Paula Brito, 1845. P.4 . Tese apresentada à Faculdade de Medicina. In: Rameiras Ilhoas e Polacas: A prostituição no Rio de Janeiro no século XIX”. Luís Carlos Soares. Ed. Ática. Rio de Janeiro, 1992.

GEERTZ, Clifford. 1926 – 2006. Obras e Vidas: O antropólogo como autor. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2009.

_____. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro. LTC Editora, 1989.

GUATARRI, Félix. Caosmose: Um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1993.

HAESBAERT, Rogério. Conferência realizada em Porto Alegre, em 2004. Transcrita no site da UFF, de acordo com o endereço:
http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERE_NCE_Rogério_HAESBAERT.pdf

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. São Paulo. Senac, 1996.

_____. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nelas?” *Revista USP*, nº15, set- out- nov, 1992.

_____. *Cenários em Ruínas: A realidade imaginária contemporânea*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

SCHAFFER, Murray. *Afinação do Mundo*. São Paulo: Unesp, 2001.

SEVERINO, Francisca Eleodora. *Memória da Morte, memória da exclusão: prostituição, marginalidade e reconquista da cidadania*. São Paulo. Letras & Letras. 1993.

VENSON, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. “Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia” Artigo publicado na *Revista História Oral*, v.15, n.2, p.125-129, jul-dez 2012.

WHITE, W. F. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Outras Referências

Confederação Nacional dos Trabalhadores das Empresas de Crédito:
www.contec.org.br

Google Maps: www.maps.google.com.br

ANEXOS

ANEXO I: Reportagem d'O Globo sobre a VM

ANEXO II: Fotos VM

ANEXO III: Reportagem Jornal Valor Econômico apud sítio da CONTEC

ANEXO IV: Reportagem Última Hora sobre a VM

ANEXO I – Matéria d'O Globo sobre a VM.

Link:

<http://oglobo.globo.com/rio/conheca-historia-da-vila-mimosa-famosa-zona-de-prostitui-cao-do-rio-4847162>

Versão para impressão

O GLOBO

Conheça a história da Vila Mimosa, famosa zona de prostituição do Rio

Endereço original da área era a Cidade Nova

Isabela Bastos

RIO - Nem sempre os bordéis, boates e bares da Vila Mimosa habitaram a pequena Rua Sotero dos Reis, nas imediações da Praça da Bandeira. O endereço original da tradicional zona de prostituição do Rio era a Cidade Nova, num terreno hoje ocupado pelo prédio do Teleporto, na Avenida Presidente Vargas. Com 54 casinhas e 13 barracas num terreno de 5.900 metros quadrados, o antigo reduto era tão arraigado na história do Rio que até mesmo apelidou os dois prédios construídos para abrigar a prefeitura na mesma região. Hoje, os edifícios do Centro Administrativo São Sebastião (CASS) são conhecidos na intimidade por Piranhão e Cafetão.

A história da Vila Mimosa na Praça da Bandeira começou a ser escrita em janeiro de 1996, quando o então prefeito Cesar Maia decidiu pela mudança das meninas. Inicialmente, as 1.800 prostitutas seriam transferidas para um galpão em Gramacho, em Duque de Caxias. Mas a compra do espaço acabou em confusão. A prefeitura de Caxias chegou a embargar a obra do galpão, que ficaria às margens da Rodovia Washington Luiz. Na pressa em transferir os bordéis, a prefeitura acabou levando as mobílias e os pertences das moças para um velho galpão de um frigorífico abandonado na Sotero dos Reis.

A mudança não foi tranquila. Os moradores da Praça da Bandeira reclamaram. E chegaram até mesmo a fechar a Avenida Radial Oeste em protesto. Mas as meninas acabaram se instalando no galpão, onde foram montados pequenos cômodos e biroskas. Oito dias depois da mudança, a Vila Mimosa abriu as portas aos clientes. Na época, chegou-se a anunciar que um terreno seria comprado para as prostitutas se instalarem. Mas a situação que acabou se consolidando ao longo dos anos na Praça da Bandeira mesmo.

URL: <http://glo.bo/JfFWz6>

Notícia publicada em 8/05/12 - 23h00

Atualizada em 8/05/12 - 22h42

ANEXO II – Fotos retiradas ao longo de anos de convivência na Rua Ceará



Dia das Crianças 2009. Rua Ceará.



Entrada do "Medelín". Dia das Crianças 2009. Rua Ceará.



Cooperação mútua entre mecânicos, prostitutas e crentes. Dia das Crianças 2009



Eu e as “meninas” na Rua Ceará. 2009



Eu, cantando na Rua Ceará. 2003. Foto de Glauco Carvalho



ANEXO III – Versão para impressão do Site da CONTEC, com matéria do Jornal Valor Econômico

Link:

<http://www.contec.org.br/contec-online/informes-anteriores-geral/152-junho-2011/4549-4549>

Informes Anteriores (Geral)



Inf.11/450 - Previ-Rio vai levar a leilão 28 mil m²

Ligado 20 Junho 2011.

Terrenos valendo mais do que o dobro do que valiam há cinco anos e um mercado imobiliário superaquecido onde prédios comerciais são vendidos no máximo em dois meses, o ambiente parece ser o ideal para colocar à venda novas áreas. Por isso, a Previ-Rio, instituição que administra o fundo de pensão dos servidores de Prefeitura do Rio, decidiu vender cerca de 28 mil metros quadrados, divididos em oito terrenos, que ficam no entorno do prédio onde está localizada a Prefeitura, na Cidade Nova. O potencial de edificação da área é de 270 mil metros quadrados. "Hoje a cidade vive um momento ímpar com grande interesse de investimentos comerciais e residenciais", analisa a presidente do instituto, Ariane Di Iorio.

O Previ-Rio espera arrecadar com a venda cerca de R\$ 600 milhões. A estimativa é de que o metro quadrado saia por R\$ 8 mil para escritórios e chegue a R\$ 11 mil para lojas. "Estamos num ponto privilegiado da cidade, a dez minutos do centro, na saída do Túnel Rebouças, próximo à Linha Vermelha e à Ponte Rio-Niterói, além de duas estações do metrô na porta", explica a Ariane. Só para ter uma ideia, no centro da cidade, o preço do metro quadrado pode chegar a R\$ 14 mil, é o caso do valor cobrado no RB1, edifício que fica na Avenida Rio Branco número 1, na Praça Mauá.

A presidente do instituto explica que a modelagem ainda está sendo feita. "A Rio

Negócios (agência de promoção de investimentos do Rio) está desenhando o modelo", conta. Segundo ela, ainda não foi decidido se o instituto terá participação nos empreendimentos ou se venderá totalmente as áreas.

No mercado imobiliário, a notícia dos novos terrenos foi bem recebida. Luis Henrique Rimes, diretor de Negócios Nacional da João Fortes acredita que o preço sugerido pelo fundo torna o negócio viável e que deve haver uma demanda pelos terrenos. "No entanto, não acredito em grandes valorizações para a área", afirma o diretor da construtora. Isso porque a licitação deve ocorrer junto com o início da oferta dos terrenos do Porto Maravilha, área mais próxima do centro da cidade.

Já Mario Amorim, diretor da Basimóvel, imobiliária que pertence ao grupo Brasil Brokers, além de acreditar na viabilidade do negócio, diz que a chegada de novos terrenos nessa proporção é salutar para o mercado. "Ela causará um equilíbrio de preços. Evitará a especulação no mercado", acredita. "O potencial para imóveis comerciais naquela região é muito grande e uma opção ao centro, porque tem bons acessos e o metrô na porta", conclui.

Ariane aposta que os terrenos do Previ-Rio podem ter uma atratividade maior, já que estão livres, com infraestrutura pronta e capacidade para receber alta tecnologia. "No Porto é preciso reformar os prédios e ampliar a capacidade tecnológica".

Os executivos concordam que este é um bom momento para o Previ-Rio vender os seus terrenos. "Esta é a hora para a Prefeitura vender, quando o mercado está aquecido", diz Marcelo Latini, sócio da Latini Bertoletti, empresa especializada no desenvolvimento de empreendimentos imobiliários. Latini também acredita na viabilidade de empreendimentos residenciais na região, já que a área está bem próxima da Tijuca, que, atualmente, está sendo valorizada em função da instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A própria Cidade Nova também foi beneficiada em função da instalação de uma UPP no morro do São Carlos, localizado em frente ao bairro.

Desde os anos 80, diversas administrações do Rio tentaram revitalizar a Cidade Nova. O primeiro passo foi a transferência da Prefeitura do Palácio da Cidade, em

Botafogo, para o bairro encravado entre o Morro do São Carlos e a Avenida Presidente Vargas.

Nos anos 90, nova tentativa com a criação do projeto Teleporto e a construção do Edifício Centro Empresarial Cidade Nova, conhecido também como Teleporto, além de um anexo à Prefeitura. Durante esses anos, as casas e prédios que ficavam no entorno foram sendo desapropriados pelas sucessivas administrações para reurbanização da área, incluindo a Vila Mimosa, famosa zona de prostituição que ficava onde hoje está o Centro de Convenções SulAmérica. Além do Centro, a área recebeu, em 2007, um prédio novo da BR Distribuidora.

A maior parte dos terrenos que serão leiloados foi repassada pela Prefeitura ao Previ-Rio em 1997. O instituto fez um empréstimo ao município e recebeu como garantia os Carioquinhas, (títulos públicos da cidade). Com o escândalo dos títulos e para quitar a dívida, a Prefeitura repassou os terrenos.

O Previ-Rio tem em carteira R\$ 2,334 bilhões, dos quais R\$ 1,2156 bilhão em imóveis. Parte desse dinheiro é utilizado para financiar a casa própria dos servidores. Já o fundo que ele administra para pagar as aposentadorias e pensões, o Funprevi, tem em carteira R\$ 1,506 bilhão. O dinheiro arrecadado com a venda dos terrenos será repassado ao instituto e não ao fundo.

Fonte: Valor Econômico

ANEXO IV – Matéria retirada do Extra On Line

Link:

<http://extra.globo.com/casos-de-policia/aurilio-nascimento/nao-va-lapa-va-vila-mimos-a-11003336.html?service=print>

Não vá à Lapa, vá à Vila Mimosa

Por: **Aurílio Nascimento Comissário**

em 07/12/13 16:15

Para quem gosta da noite, conselho: não vá à Lapa, vá à Vila Mimosa, uma das maiores áreas de prostituição heterossexual do mundo. Fica na Rua Sotero Reis, na Praça da Bandeira, e abrange as ruas Ceará, Lopes Souza e Hilário Ribeiro. Por lá, transitam mais de cinco mil pessoas nos fins de semana. O concurso de beleza “Gatinha Mimosa” acontece uma vez por ano e, para arrepio dos ditadores da moda, não desfilam mulheres de pele e osso. Na Vila Mimosa não há flanelinhas, guardas municipais torrando sua paciência e muito menos bandos de usuários de drogas perambulando à caça de vítimas. Seu carro não será rebocado por estacionamento irregular, e o mais importante: as chances de sofrer um assalto e ser ferido aproximam-se de zero.

O preço das bebidas é justo e os comerciantes não enganam os clientes. Quem pensa que a Vila Mimosa é local exclusivo para peões de obra está enganado. O poeta Manuel Bandeira, Di Cavalcanti e Cartola foram frequentadores assíduos. A polícia raramente aparece na Vila Mimosa mas, quando o faz, é respeitada, por mais incrível que pareça. Os índices de criminalidade dentro da Vila Mimosa são de Primeiro Mundo.

A Lapa, a chamada área boêmia do Rio de Janeiro, estava em baixa e foi revitalizada, tornando-se um imenso centro de diversão. Centenas de bares, restaurantes, teatros e pontos de encontros de músicos passaram a existir. A Lapa ganhou vida, ressurgiu como uma fênix e ganhou o status de ponto turístico obrigatório. Mas algo ficou pelo caminho, foi esquecido não só por aqueles que sobrevivem do comércio local como pela maioria dos frequentadores: a chamada consciência coletiva de responsabilidade.

A falta de consciência coletiva de responsabilidade faz da Lapa uma verdadeira zona, e da Vila Mimosa uma área boêmia, mesmo sendo o local aberto de prostituição. A ideia na Lapa é de que cheirar cocaína em cima da mesa do bar, fumar maconha ao ar livre, cuspir quando se avista um policial e levar vantagem em tudo é mais do que um direito, é um dever dos frequentadores. Na Vila Mimosa, quem for atrevido ao extremo e tentar um desses comportamentos certamente irá se arrepender e muito, e com certeza jamais voltará a frequentar o local.

Diante dos trágicos acontecimentos, com a morte de um jovem e um comerciante, aconselho os empresários da Lapa a conhecerem a Vila Mimosa para aprender. Mesmo que para cada estabelecimento na Lapa se coloque um policial e a mesma proporção para cada frequentador, nada vai mudar. O que muda é a prática diária da consciência coletiva de responsabilidade, partindo do princípio de que a Lapa é um lugar de boemia, prostituição, divertimento, mas não é zona.